

Dona Vernaide



Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

DONA VERNAIDE



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



Quem disse que a história não se repete?

Para as Gárgulas que, encarapitadas no
alto dos mais belos mausoléus e no
profundo e respeitoso silêncio, veem o
passar da história

Dona Vernaide

Seu Alberto, o Beto Sala como era conhecido pelos amigos, estava à beira da aposentadoria. Finalmente, poderia passar mais tempo em casa, como cobrava Vernaide, sua fogaosa mulher, quase vinte anos mais nova.

Tinha sido 35 anos no batente, de sol a sol no Cemitério de Santo Amaro, na região central do Recife. Durante todo aquele tempo, sempre no campo santo, Seu Alberto fora de tudo. Desde coveiro raso até chefe de velório, passando pelas importantes funções de encarregado de sepultamentos e fiscal de exumação.

Sempre de bom humor, Beto Sala nunca se furtara a ajudar as pessoas, fossem elas dos cortejos fúnebres,

fossem elas das equipes que faziam da necrópole o local de trabalho e ganha-pão.

Seu Alberto já não conseguia mais contar os corpos que enterrara e [contar] as ossadas que desenterrara. Já não conseguia mais lembrar as vezes que, conforme o caso, fizera vista grossa ou rigorosa para as coisas que aconteciam no submundo da cidade dos mortos. [Já não conseguia mais lembrar] Os discursos panegíricos que presenciara. [Já não conseguia mais lembrar] As coroas que reciclara nos tempos de crise. [Já não conseguia mais lembrar] As carreiras que dera nos ladrões de mausoléus e nos macumbeiros, inclusive naquele que, em gesto acusado de ingratidão, há muito tempo, fizera o despacho responsável pelo seu inesgotável vigor.

E, agora, preparando a própria despedida, passava, tim-tim por tim-tim, o serviço para seu sucessor, Julião, um jovem coveiro de escol, que, segundo diziam, parecia com ele em tudo.

Seu Alberto fora coveiro de muitas gradações, mas sempre fora coveiro. De qualquer forma, ele não tinha muito o que lamentar. Afinal de contas, nem tudo fora trabalho duro.

No fundo da memória, nas camadas abissais que guardam os segredos mais secretos, Seu Alberto não podia deixar de lembrar coisas agradáveis. As noitadas no velório, por exemplo, quando, sempre atendendo à pedidos, Seu Alberto costumava entalar ao delírio de mulheres enlutadas o gigante que trazia pendurado entre as pernas, a famosa salamandra

responsável pelo 'Sala' que, como se fosse sobrenome, acompanhava seu apelido de garoto.

Talvez tenha sido por causa da tal salamandra que, viúva pela segunda vez, Vernaide tenha feito questão de voltar a recorrer ao consolo de Seu Alberto.

Naquela noite, compreendendo o pranto da viúva, Beto fora impiedoso com a mulher vestida de negro que, sem se virar para ele (provavelmente, por recato e respeito ao corpo inerte do marido, cercado de flores e velas à sua frente), de saia levantada e calcinha abaixada, empinava o traseiro guloso, debruçada sobre o esquife, urrando saudades ao De cujus, mordendo a mortalha, enquanto a salamandra fazia o serviço que dela se esperava,

entrando e saindo das partes da mulher com ritmo e sem qualquer decoro.

E, foi assim que Seu Alberto conheceu Vernaide.

Não deu outra.

Passado o luto de praxe - um período no qual se encontravam às escondidas, por entre os túmulos - Seu Alberto casou com Vernaide e, de viuvinha necessitada, ela passou a ser a senhora da salamandra, feliz e saciada.

E tudo parecia caminhar para a normalidade. No cemitério, o jovem sucessor Julião, já conhecido pela necro-comunidade como Ju Sala, assumira os afazeres do mestre aposentado e, tudo levava a crer, passara a usar a própria salamandra para consolar viúvas ardentes.

Em casa, longe do cemitério e da função dos velórios e funerais, dedicado exclusivamente a apagar o fogo da mulher, Seu Alberto vivia uma eterna lua de mel. Aliás, contrariando antigas máximas, o passar do tempo não reduziu a sofreguidão como Vernaide exigia atenção de Seu Alberto, o qual, sem que a mulher soubesse, para dar conta do serviço, começou a alimentar a salamandra com umas poções apropriadas (segundo a curandeira que as receitou) para restabelecer o vigor de 'cobras cansadas'.

Não se sabe até hoje se por exaustão ou efeito colateral da dose exagerada de alguma catuaba tonificada, o fato é que, um dia, veio o pior. Depois de mais uma madrugada extenuante, na sequência das

sucessivas visitas feitas por Vernaide à velha salamandra, Seu Alberto passou mal e não mais acordou. Foi um 'Deus nos acuda'.

De qualquer forma, enquanto a inconsolável Vernaide chorava as suas saudades, os antigos colegas tratavam de cuidar do funeral, dando a Beto Sala o melhor tratamento que um defunto amigo pode ter.

Seu Alberto não viu, claro, mas, naquela madrugada, enquanto, em câmara ardente, o seu corpo aguardava a hora para baixar sepultura, debruçada sobre o ataúde, vestida de negro, aos prantos e com os olhos vermelhos cerrados, provavelmente lembrando os melhores momentos que tinham passados juntos, depois de levantar a saia e abaixar as calcinhas, a experiente Vernaide, viúva pela

terceira vez, ofereceu-se ao novo coveiro e, mesmo urrando saudades do finado, sentiu com alegria e entusiasmo a desenvoltura como a jovem salamandra estufava e roçava as suas entranhas, entrando e saindo de si. Menos triste, por uns momentos esquecida do defunto à sua frente, Vernaide girou a cabeça e espichou um olhar ao homem que a consolava com tamanho carinho.

Naquele momento, já completamente apaixonada, decidiu que a salamandra que a preenchia seria o seu novo bicho de estimação. Era hora de enterrar Beto Sala e entregar o cetro, a coroa e tudo o mais ao sucessor.

Passado o luto por Seu Alberto, Vernaide abandonou as roupas escuras e, depois de um namoro tórrido pelos

cantos do cemitério, casou Julião Sala, o qual, diga-se de passagem. já dá sinais de fadiga (mas, isto é outra história).